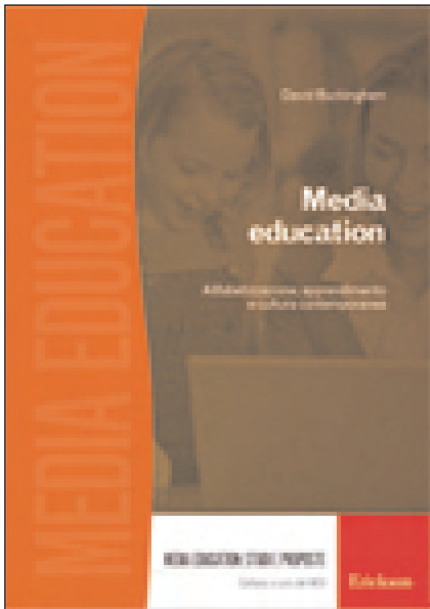


MÍDIA-EDUCAÇÃO

Ilana Eleá Santiago



BUCKINGHAM, David: *Media education. Alfabetizzazione, apprendimento e cultura contemporanea*. Gardolo: Erickson, 2006.

O livro “Media Education: Alfabetizzazione, apprendimento e cultura contemporânea” (Mídia-Educação: Alfabetização, Aprendizagem e Cultura Contemporânea), foi publicado na Inglaterra em 2003 por David Buckingham – professor da Universidade de Londres e diretor do Centre for the Study of Children, Youth and Media (CSCYM). Embora Buckingham seja referência internacional no campo da pesquisa em Mídia-Educação, seus artigos e livros têm sido publicados recentemente no Brasil. A professora Gilka Girardello, traduziu para português o livro “Crescer na era das mídias eletrônicas”, publicado em 2007 pela editora Loyola de São Paulo.

A obra aqui analisada oferece uma síntese bem articulada da tradição da Mídia-Educação (ME) no contexto anglo-saxão,

seja em termos do campo de estudo como de atividades práticas e de pesquisa desenvolvidas nos últimos 20 anos. Buckingham acredita na construção de uma “pedagogia das mídias” capaz de conciliar coerência teórica com aplicabilidade prática concreta e para tal se propõe a oferecer um quadro conceitual de referência, princípios pedagógicos e o papel da ME dentro do currículo escolar.

Na *primeira parte* do livro, “Princípios fundamentais da ME”, o autor defende que a alfabetização para as mídias seria tão importante quanto para os textos escritos. Buckingham critica, entretanto, a concepção de que a ME deva ser proposta como salvação para problemas amplos e complexos. Tal ideário estaria baseado em explicações reducionistas: pode-se dizer realmente que as mídias seriam a causa dominante de problemas como a violência, pornografia, pedofilia, sedução ao consumo? Pensar em erradicar a violência através da extinção da violência dos meios de comunicação de massa seria a solução eficaz ou o planejamento de prevenções alternativas, regulamentação da compra de armas, políticas contra o racismo e a pobreza, que frequentemente geram violência? Pretender que a ME por si só seja capaz de modificar tendências e comportamentos não seria uma visa ingênuas?

No *segundo capítulo*, “Novas infâncias, novas mídias”, Buckingham insiste na importância dos educadores não ignorarem as mudanças sociais e culturais atuais, a partir das quais as experiências que as crianças possuem com as mídias se complexificam e ganham tons cada vez mais autônomos e sujeitos a controles crescentemente escorregadios.

1 Doutoranda em Educação, PUC-Rio. Mestre em Educação, PUC-Rio. Especialista em Mídia-Educação, Universidade Católica de Milão. Membro do GRUPEM – Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia. Professora do curso de extensão em Mídia, Tecnologias da Informação e Novas Linguagens Educacionais, CCE/PUC-Rio (www.midiaedu.com.br) [e-mail: ilana@mvirtual.com.br]

A facilidade de acesso à tecnologia e a convergência crescente da mesma tem permitido aos jovens uma participação ativa como produtores culturais. Em seus quartos, sem vínculos com horários ou filtros que decidam o que seja “correto” assistir, possuem computadores conectados nos quais podem ter acesso a vídeos com tal facilidade que não poderiam nunca ter conseguido em outro tempo histórico, criam músicas, manipulam imagens e montam vídeos de forma relativamente profissional. As crianças podem além de tudo, através da Internet, comunicar-se com adultos sem nem mesmo a necessidade de se identificarem como sendo menores. Através do crescente grau de convergência de mídias, Buckingham enfatiza que estudar como as crianças lidam com um único meio de comunicação particular não se apresenta como uma estrada conveniente.

Por outro lado, o formato escolar não tem apresentado mudanças no mesmo tom e abertura, o que tem criado distâncias consideráveis entre a cultura escolar e a das crianças, esta última comumente avaliada como chata e rotineira. Para diminuir a distância crescente entre escola e o cotidiano das crianças, os mídia-educadores tem percebido que partir do que as crianças já possuem de conhecimento das mídias é um importante ponto de partida.

A “Media Literacy” é o tema do *terceiro capítulo*, quando Buckingham cita o modelo de alfabetização em linguagem cinematográfica proposto desde 1999 pelo British Film Institute – entidade responsável pela publicação do documento *Making Movies Matter*. Nesta obra é possível conferir o que é esperado dos alunos ao longo de seus percursos escolares em termos de experiências e atividades a serem desenvolvidas. Analisando tais propostas e metas, Buckingham chama atenção para a falta de pesquisa empírica capaz de sustentar muitos dos argumentos que servem de base para o desenho dos objetivos esperados. Tomando como exemplo o argumento da necessidade formativa para que as crianças consigam distinguir entre a televisão e o mundo real, o autor cita uma série de pesquisas que contradizem essa necessidade.

Segundo Messaris (1994), as crianças já com 2 anos começam a aprender que o zoom aumenta e que um corte ou enquadramento não significa que o objeto anterior tenha desaparecido (SALOMON, 1979). Também aprendem que devem completar a edição e montagem com os espaços deixados em branco, como por exemplo, quando um personagem sai de um quarto e depois aparece imediatamente caminhando em uma estrada (SMITH, ANDERSON & FISHER, 1985). A capacidade de reconhecer o início e o fim de um programa, assim como perceber a diferença entre programas e a publicidade também fora verificada (JAGLOM & GARDNER, 1981). Os que pesquisas com outras faixas etárias também apontam (CHANDLER, 1997; DORR, 1983; HAWKINS, 1977; BUCKINGHAM, 1993a; BUCKINGHAM, 1996a; MEEKS, 1998, *apud* BUCKINGHAM, 2006, p.64) é que, em certo sentido, existe um processo intrinsecamente educativo proposto pela mídia. Seja de modo implícito ou explícito, é a própria televisão que como medium ensina as competências que são necessárias para compreendê-la, assim como os próprios livros ensinam as crianças a ler e o que significa ler (MEEKS, 1998, *apud* BUCKINGHAM, 2006, p.64).

Quando Buckingham dedica o *capítulo 8* ao tema “Tornar criativo” – uma outra bandeira comum nas propostas mídia-educativas, chama atenção para a tarefa de avaliar os produtos midiáticos estudantis, justamente porque tais atividades na maior parte dos casos incluem em algum momento produções realizadas pelos estudantes. O autor adota a perspectiva de Bastem (1981), quando acredita que os estudantes re-elaboram ativamente e conscientemente seus conhecimentos das mídias através da intertextualidade ou da comunicação dialógica e não como mera imitação servil. Qual seria, então, o tipo de teoria da aprendizagem que estaria em consonância com as propostas da Mídia? Esse

é o tema do *capítulo 9*, quando o autor para definir o que espera para a pedagogia da mídia, percorre diferentes teorias da aprendizagem, enfatizando os pressupostos de Vygotsky (1962; 1978).

No *capítulo 10*, Buckingham retoma a distinção entre estado mental e prática social, ao comentar sobre a preocupação e ênfase da ME com a desconstrução ideológica. Pesquisas têm mostrado que estudantes podem analisar semioticamente os ‘estereótipos’, sendo capazes de identificar a mercantilização ‘opressiva’ do corpo feminino nas mídias de massa, mas nem por isso deixam de se sentir fascinados pelas Spice Girls ou Lara Croft (ELISABETH FUNGE, 1998) e ainda, de continuar desejando exprimir suas sexualidades de forma insistente. Esse gap seria o que fora chamado por Judith Williamson (1981/2) como falta de ligação entre a análise ideológica e experiência vivida.

O penúltimo *capítulo (11)* é dedicado às reflexões sobre a “*Digital Literacy*”, quando Buckingham chama atenção para o desenvolvimento das tecnologias e sua crescente convergência reflete um sistema cada vez mais guiado pelo mercado, que concentra o poder nas mãos de um pequeno grupo de corporações multimídias globais. Esse cenário implica ainda em exclusão digital para os pobres, embora por outro lado a produção digital e a Internet tenham potencializado a comunicação interpessoal e de massa de forma mais democrática. Se potencialmente a guinada que consumidores fazem quando se tornam produtores seja motivo de reconhecimento, a chance de gaps eletrônicos também soa o alarme.

O *capítulo 12* fecha o livro com colocações sobre os novos lugares de aprendizagem – leia-se, o que inclui a consciência cada vez mais viva do reconhecimento da importância dos espaços extra-escolares, especialmente do ocupado pelos meios de comunicação da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BUCKINGHAM D. (1993a): *Children talking television: the making of television literacy*. London, Falmer.
- _____(1996a): *Moving images: understanding children's emotional responses to television*. Manchester, Manchester University Press.
- _____(2000b): *The making of citizens: young people, news and politics*. London, Routledge.
- _____(2007): *Crescer na Era das Mídias*. São Paulo, Vozes.
- CHANDLER D. (1977): *Children's understanding of what is "real" on television: a review of the literature*. Journal of Educational Media, vol.3, n. 1, pp. 65-80.
- DORR A. (1983): No shortcuts to judging reality. In BRYANT, J.; ANDERSON, D. (org.): *Children's understanding of television*. New York, Academic Press.
- FUNGE E. (1998): *Rethinking representation: media studies and the postmodern teenager*. English and Media Magazine, n. 39, pp. 33-36.
- HALL S.; WHANNEL P. (1964): *The popular arts*. London, Hutchinson.
- HAWKINS R. P. (1977): *The dimensional structure of children's perceptions of television reality*. Communication Research, vol.4, n. 3, pp. 299-320.
- HOGGART R. (1959): *The uses of literacy*. London, Chatto and Windus.
- JAGLOM L.; GARDNER H. (1981): The preschool television viewer as anthropologist. In KELLY H.; GARDNER H. (org.): *Viewing children through television*. San Francisco, Jossey-Bass.
- LIVINGSTONE S.; BOVILL M. (2001): *Children and their changing media environment*. Mahwah, NJ, Erlbaum.
- MASTERMAN L. (1980): *Teaching about television*. London, Macmillan.
- _____(1985): *Teaching the media*. London, Comedia.
- MEEK M. (1998): *How texts teach what readers learn*. Stroud, Gloucester-shire, Thimble Press.
- MESSARIS P. (1994): *Visual "literacy": image, mind and reality*. Boulder, CO, West-view.

- RIDEOUT *et al.* (1999): *Kids & Media @ the New Millennium*. Menlo Park, CA, Henry J. Kaiser Family Foundation.
- SALOMON G. (1979): *Interaction of media, cognition and learning*. San Francisco, Jossey-Bass.
- SILVERSTONE R. (1999): *Why study the media?* London, Sage.
- SMITH R., ANDERSON D., FISHER D. (1985): *Young children's comprehension of montage*. *Child Development*, n. 56, 962-971.
- VYGOTSKY L. (1962): *Thought and Language*. Cambridge, MA, MIT Press.
- _____ (1978): *Mind and society*. Cambridge, MA, Harvard University.
- WILLIAMS R. (1958): *Culture and society*. London, Chatto and Windus.
- _____ (1961) *The long revolution*. London, Chatto and Windus.
- WILLIAMSON J. (1981/2): *How does Girl Number Twenty understand ideology?* *Screen Education*, n. 40, pp. 80-87.